

# Lugares de morar no século XIX

Raquel Glezer \*

*“Era uma casa  
Muito engraçada  
Não tinha teto  
Não tinha nada  
Ninguém podia  
Entrar nela não  
Porque na casa  
Não tinha chão  
Ninguém podia  
Dormir na rede  
Porque na casa  
Não tinha parede...” \*\**

---

\* Professora Titular do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; e-mail: [raglezer@usp.br](mailto:raglezer@usp.br).

\*\* A casa, composição de Vinícius de Moraes em <http://letras.terra.com.br/vinicius-de-moraes/49255/>; também em [http://www.viniciusdemoraes.com.br/site/article.php3?id\\_article=296](http://www.viniciusdemoraes.com.br/site/article.php3?id_article=296). Acesso em 14/05/2011.

Os livros sobre casas encontrados em nossas livrarias são geralmente os centrados nos exemplos de arquitetura destacada, quase objetos de arte, admirados pela beleza, exotismo ou como valorização de passado nobre – ‘table books’, para serem exibidos, vistos e não lidos. Casas construídas com projetos de arquitetos famosos, obras dos nomes referenciais de padrões arquitetônicos de vanguarda; casas remanescentes de eras lembradas como de apogeu econômico, como os solares de São Luiz do Maranhão e os das cidades das regiões mineradoras; casas de fazenda de regiões que tiveram destaque econômico, como o Vale do Paraíba. Para localizar obras de conteúdo sobre casas e formas de morar só através das bibliotecas, nos estudos especializados.

Mas e as casas em que as pessoas comuns – mesmo as de maior poder aquisitivo, mas sem capital econômico ou cultural para contratar um arquiteto renomado, as trabalhadoras e as pobres ou miseráveis viviam? Como eram? Que padrões arquitetônicos seguiam? Que programas de uso existiram?

A história urbana não responde as nossas questões, talvez porque até o momento não tenham sido objeto de atenção. Afinal, nossas casas comuns na história urbana são como a descrita por Vinicius de Moraes.

O livro de Solange de Aragão traz uma contribuição relevante aos estudos sobre a tipologia das casas brasileiras nos anos oitocentos. Poucos pesquisadores brasileiros estudaram as moradas, mas os que o fizeram, fixaram-se sempre em alguns locais e épocas determinadas.

A pesquisa realizada pela autora foi muito ampla e generosa na perspectiva: escrutinou as cidades do litoral e as do interior do país que existiam e/ou surgiram nos cem anos dos oitocentos, através de leitura sistemática de obras de viajantes, dos jornais de época, das diversas formas que a iconografia assumiu no transcurso do século, a partir de leitura de uma das obras clássicas de Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos*. Explorou

todas as obras do referido autor que mencionaram casas, melhor dizendo, moradas. E ampliou o escopo, abrangendo as construções das cidades não estudadas por ele e das não-litorâneas.

Embora desde o último quartel do século XX os estudos históricos nacionais tenham dado especial atenção ao cotidiano de diversas classes sociais, o morar – ato essencial para preservação e sobrevivência da espécie humana – não aparece destacado nos estudos de história. Os autores referenciais são os da história urbana do século XX, Nestor Goulart Reis Filho, Carlos Lemos e Murillo de Azevedo Marx, que tanto contribuíram para nossa compreensão e conhecimento das cidades e casas brasileiras.

O morar no século XIX variou nos espaços que já eram habitados e nos que surgiram pela expansão da ocupação territorial, por condições econômicas, condições materiais, condições tecnológicas e tradições culturais.

De forma característica na nossa sociedade, as maneiras de construir e de morar eram (ou são) entendidas como individuais, mas na prática social são coletivas, condicionadas pelas vontades e/ou necessidades dos que nelas viveram ou sobreviveram. O Estado é ausente: não houve orientações ou normas de construção que na prática cotidiana fossem seguidas por todos os habitantes interessados em obter uma morada.

O morar é essencial para a sobrevivência dos seres humanos e cada grupo social criou e desenvolveu o que considerou necessário, ou melhor, o que lhe foi possível/acessível para garantir a sua elementar sobrevivência.

Como diz a autora, a casa brasileira “*foi o sobrado, o mucambo, a casa térrea, a casa assobradada, a casa de esquina, a casa com negócio, a casa nobre, a casa de sítio, a casa de chácara, a casa da roça, a casa de campo; a casa de pedra, a casa de taipa, a casa de tijolo, a casa de pau-a-pique e sapê...*” que foi se transformando no decorrer do século XIX, até adquirir características que hoje reconhecemos como as nossas.

A leitura do livro de Solange de Aragão ilumina o morar no século XIX, e traz importantes contribuições para a nossa compreensão das questões de moradia e das cidades contemporâneas no país.

Diante do fenômeno urbano, estudado em seus diversos enfoques, especialistas manifestaram e manifestam perspectivas opostas: repudiam o objeto como degradante ou o exaltam como o ápice da realização humana.

O texto de Solange de Aragão traz a compreensão do que era a casa, a morada nos anos oitocentos, com descrições e análises cuidadosas, demonstrando que o estudo das casas no espaço nacional pode ser realizado de forma analítica e generosa.